

História e Conexões Atlânticas:
Culturas e Poderes
Grupo de Pesquisa GMAD
Estudos do Mundo Atlântico e suas Diásporas

RESENHA | FLUXO CONTÍNUO

<https://doi.org/10.18764/1984-6169v26e28177>**Rotas transatlânticas de Beatriz Nascimento.**

pt Resenha da obra *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*

Rutas transatlánticas de Beatriz Nascimento.

es Reseña de la obra *Todas as distâncias: poemas, aforismos e ensayos de Beatriz Nascimento*

Transatlantic Routes by Beatriz Nascimento.

en Review of the work *Todas as distâncias: poemas, aforismos e ensayos de Beatriz Nascimento*

Luanda Martins Campos

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UFMA). Mestra em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA). Professora dos Anos Iniciais SEMED/São Luís.

<https://orcid.org/0000-0001-5742-3571><http://lattes.cnpq.br/9174678695139359>

lua.lumartins@gmail.com

RECEBIDO | 23 nov. 2025 – APROVADO | 5 jan. 2026



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

REFERÊNCIA

RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (Org.). **Todas [as] distâncias:** poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

“É preciso olhar o passado com olhos no futuro”.
(Ensino do adinkra Sankofa, povo Akan).

Esse foi o ensinamento que mobilizou a bailarina Bethania Gomes a ir em busca de sua mãe através da publicação de seus textos inéditos, especialmente os poemas. E, nesta busca, encontrou o professor, antropólogo, geógrafo e poeta Alex Ratts no mesmo intento de retornar a ver Beatriz, em sua forma e poesia. Assim, o Sankofa se faz na prática do trabalho minucioso de análise, digitação de textos manuscritos e datilografados para trazer de volta a essência, a subjetividade de uma intelectual negra, nordestina, mais atual do que nunca no campo historiográfico da população negra latino-americana e caribenha.

Maria Beatriz Nascimento (1942-1995), mulher negra, sergipana, se formou em História, no Rio de Janeiro, onde viveu e construiu pontes entre memórias e lutas. Foi militante do Movimento Negro Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), nome anterior do Movimento Negro Unificado (MNU), e em 1975, idealizou e coordenou o Grupo de Trabalho André Rebouças, na Universidade Federal Fluminense, de debate sobre arte, história e cultura negra. Foi desse grupo que saiu a ideia do documentário *Orí* (1989) – sua obra mais conhecida – dirigido por Raquel Gerber.

A transatlanticidade de Beatriz Nascimento concebe o corpo como suporte de registro documental e cultural: o corpo-documento, o corpo-mapa, o quilombo em movimento. Nesse sentido, é seu próprio corpo, enquanto historiadora negra, que serve de ponto de partida para compreender o ser negro e compor uma negritude capaz de contribuir para a mobilização coletiva. Esta negritude é aqui entendida como uma tomada de consciência histórica e política na defesa da memória coletiva, a qual mobiliza ações contra todas as formas de opressão (Césaire, 2010; Ratts, 2024).

O conceito de negritude, cunhado pelo martiniquenho Aimé Césaire na década de 1930, dialoga intimamente com a prática literária e política de Beatriz Nascimento nos anos de 1980 e 1990 até sua violenta partida em 1995. Ser atlântica, como tanto Beatriz fala em seus textos, poemas e entrevistas, é a experiência das subjetividades afrodiaspóricas. Uma experiência de transmigração, tendo o corpo como território. Palenques, cimarronages e quilombos são reenraizamentos dessas subjetividades que traçam rotas

interculturais para entender nossa amefricanidade (Césaire, 2010; Gonzalez, 1988; Nascimento, 1989; 2021).

A identidade coletiva, ancorada na ancestralidade e na memória afrodiaspórica traz, ao campo da História, outras categorias de análise para a historiografia amefricana. A memória, a subjetividade, o corpo-documento que formam a transatlanticidade desta negritude passam a ser fontes documentais. Com isso, urge contribuir com este Sankofa trazendo de volta a memória individual e coletiva de Beatriz Nascimento, afirmando que o historiador, a historiadora é, antes de tudo, ser humano (Vieira, 2025).

A negritude, segundo Césaire (2010), é um conceito para além do reconhecimento estético de ser negro. Diz respeito a encontrar a si mesmo sem precisar, obrigatoriamente, atravessar de volta o Atlântico. Assumir a sua negritude é ato político que necessita dialogar com sua subjetividade. Somos seres históricos, políticos, mas, sobretudo, humanos dotados de afetos e emoções. Assim, o ser negro, compreendendo-se enquanto humano, olha para si próprio e se reconhece como um território vasto, diverso, com dilemas e projeções sobre a realidade.

Essa é a proposta da obra **Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**, organizada por Bethania Gomes e Alex Ratts, lançada em 2015 pela editora Ogum's Toques Negros. Para os organizadores, “o importante é tornar público uma parte significativa da escrita que consideramos representativa da trajetória pessoal e pública, artística e política de Beatriz Nascimento, de seus contextos, de seu tempo-espço” (Ratts; Gomes, 2015, p. 17). Além dos textos de Beatriz, a coletânea traz contribuições de Arnaldo Xavier, Conceição Evaristo, Christen Smith, Iléa Ferraz e Lúcia Gato.

Assim como em um sarau, o livro inicia com poesia. E é a voz de Conceição Evaristo que traz, como uma mística literária, Beatriz Nascimento através do poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres*. Poema publicado originalmente no volume 19 dos Cadernos Negros, em 1996, um ano após o assassinato de Beatriz Nascimento, vítima de feminicídio, ao tentar defender uma amiga da violência do então companheiro. O crime não apagou o legado de Beatriz na defesa das mulheres negras e, no poema, Conceição Evaristo enaltece sua memória, sangue e resistência. Alex Ratts e Bethania Gomes apresentam a obra somente após este momento místico e ancestral, quando o pesquisador fala da importância da intelectual e a filha fala da memória e reencontro com a mãe. Assim, o livro se organiza em poemas, aforismos, ensaio e leituras de longe-perto.

Os poemas de Beatriz Nascimento estão organizados em três partes. São textos inéditos, manuscritos e/ou datilografados. Alguns com datas e local, outros com destinatários, mas todos relacionados a momentos de composição de sua subjetividade en-

quanto mulher e historiadora negra brasileira. **Parte 1: Próxima, primordial**, traz a Beatriz filha, irmã, mãe, como no poema *Betha* para Bethânia Gomes.

Mulher é como ser
Vagarosa tartaruga
Que silenciosa desova
E povoa o mar
Que solitária retorna
A origem de seu destino
Nadando como peixe
Quando deveria estar
Voando como pássaro [...]
(Ratts; Gomes, 2015, p. 28)

Nesta parte, o poema *Paciência* foi direcionado a seu pai e escrito em 16 de outubro de 1986. É deste poema que os organizadores retiram o título da obra.

[...] Em mar sereno
Penso em mim
Todas (as) distâncias
Rude apelo, mera ânsia
De uma imortal promessa
Do fim, princípio do fim
Amor que guardo em mim
Em longa fila de espera
(Ratts; Gomes, 2015, p. 26)

Na **Parte 2: Mítica, histórica**, Beatriz reverencia sua ancestralidade. Inicia essa parte com poema dedicado a *Legba*, entidade africana de origem ewe/fon e que fundamenta o próprio conceito de transatlanticidade. Os poemas reverenciam orixás, rotas ancestrais, Zumbi, Palmares e o quilombo como corpo oprimido, mas um corpo coletivo de luta. Como no poema *Transgressão*, denunciando a chacina em favelas – nesse caso, no Morro Dona Marta, no Rio de Janeiro.

[...] No quilombo onde já aconteceu
Em algum tempo da história
Que na memória feneceu
Jamais foi contado
Pois lá era a mesma gente
E o país urgentemente
Apagou da mente
A verdade que passou
Mas não é passado é presente
Pra que repetição?
É necessário que abafes
O ruído das sirenes
Que perturbam o ambiente
Dividindo os homens
Entre bons e maus
Entre nós e eles
Entre vivos e mortos.
(Ratts; Gomes, 2015, p. 47)

Na **Parte 3: existencial, cósmica**, Beatriz aporta em sua saúde mental afetada especialmente pelas consequências do racismo e a busca de respostas dentro de si. Como no poema *I (Fazem-me lembrar relíquias)* (p. 60) e em *Rotas*, escrito em 12 de agosto de 1987. Rota é palavra constante nas falas e poemas de Beatriz e simboliza a ampliação de sua transatlanticidade que, segundo Ratts (2024, p. 136), “se move por essa cartografia cultural, consciente ou inconsciente. Em transe ou em trânsito”.

Quantos caminhos percorro
A quantos choros recorro
Ao fim de cada cansaço
O que é aquela cama
Que daqui observo?
Vazia e desfeita
Como o acontecido?
Quantas perguntas me faço
Se certo ou errado, ou pura desatenção?
Se procedente ou contrário [...]
(Ratts; Gomes, 2015, p. 66).

Após os poemas reunidos, a obra apresenta alguns aforismos, ou seja, ideias e conceitos pensados e anotados por ela. Textos curtos, de linguagem simples e objetiva que dizem muito, como em *Como começou*, direcionado ao sociólogo, poeta e dramaturgo Eduardo Oliveira e Oliveira. “Tudo começou com Eduardo. É preciso saber de onde se vem, para saber aonde se vai. E eu já estava. Já não ía, nem vinha” (Ratts; Gomes, 2015, p. 83).

Os ensaios fecham os escritos de Beatriz, nesta obra, trazendo debates e análises da historiadora em seu processo de tomada de consciência da negritude como ponto de partida para análises acerca da historiografia africana e amefricana.

Em *Meu negro interior*, esta ação fica evidente pois descreve sua experiência com o racismo e questiona a noção assimilacionista do ser negro como um “behaviorismo simplista e folclórico” (Ratts; Gomes, 2015, p. 99), parte de uma amnésia coletiva, assim como Aimé Césaire também descreve o distanciamento do ser negro da sua negritude, esquecendo-se de sua verdadeira raiz.

A obra finaliza com **Leituras de longe-perto**, uma reunião de textos sobre Beatriz e sua contribuição intelectual e militante. Nesta parte, Arnaldo Xavier, Alex Ratts, Lúcia Gato e Christen A. Smith, apresentam seus testemunhos enquanto pessoas próximas a Beatriz, confirmando suas concepções e categorias confluentes da sua subjetividade. Como relata Lúcia Gato, professora, atriz e militante do Grupo de Mulheres Negras Mãe Andreza, com seu texto intitulado *Cabeça de Negra: a poesia atlântica na construção da cena*.

Essa violência histórica que corrompe nossa força expressiva e propositiva e tenta neutralizar nossas subjetividades tratando-nos como massa inócu, a ser

modelada, pode, sim, ser superada, na medida em que valorizemos nossos códigos de construção do saber, nossa ancestralidade e a forma como compreendemos o mundo, o que conseqüentemente passa a implicar em novas formas de intervenção. Assim ao ter contato com sua poesia, tive contato com o inquieto, que ali se apresenta.

Foi a resiliência, que emergia de suas linhas, que a princípio me arrebatou e, como se diz à moda maranhense, “foi bem aí” que olhei nos olhos de Beatriz. Tive medo, e suspeitei ser difícil dizer da potência que ela trazia não só no corpo de seu poema, mas nas entrelinhas, no subtexto, me tornei cúmplice das suas horas de insônia e comprimidos (Ratts; Gomes, 2015, p. 133-134).

Nesta transatlanticidade de Beatriz Nascimento, a encruzilhada é o fundamento que permite ao corpo negro encontrar-se e reencontrar-se em vários momentos, contextos e subtextos. O livro é uma forma de encontrar ou reencontrar Beatriz, pegando elementos deixados pelos caminhos percorridos por quem veio antes. O racismo adoece e a construção da negritude não é tarefa simples, por isso se faz em coletividade.

A obra **Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**, aprofunda o questionamento sobre a historiografia colonial na América Latina e no Caribe. Nela, as falas de Beatriz Nascimento convocam intelectuais negros e negras à tarefa vital de escrever a história a partir de suas próprias subjetividades e do diálogo intercultural amefricano, posicionando-se como sujeitos históricos, e não meros objetos de estudo. Assim, Ratts e Gomes (2015, p. 18) acertam ao afirmar que “É mais um retorno de Beatriz Nascimento. Ela está voltando”. Nas conexões ancestrais da negritude, o passado se aproxima quando a memória é valorizada, tornando a evocação de sua natureza cósmica e historiográfica indispensável na atualidade.

REFERÊNCIAS

- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. Organização de: Carlos Moore.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. Organização de: Alex Ratts.
- ÔRI. Direção de Raquel Gerber. Produção de Ignácio Gerber. Roteiro: Beatriz Nascimento. Música: Naná Vasconcelos. [S.L.]: Angra Filmes Ltda, 1989. (93 min.), son., color.
- RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**. Lugares e rotas de Beatriz Nascimento. 2. ed. São Paulo: Oralituras Editora; Fundação Rosa Luxemburgo, 2024.
- RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (Org.). **Todas [as] distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.
- VIEIRA, Beatriz de Moraes. História e literatura: múltiplas questões e possibilidades. **Estudos Históricos**, v. 38, 2025. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/93727/87625>.